

Gay como identidade sexual e comunidade discursiva: conceitos para pesquisa e para análise do discurso

Leonardo Cabral*

Resumo: Este artigo parte de uma pesquisa sobre a existência e manifestação do gay como identidade social-sexual através do discurso. Realiza-se, neste trabalho, uma revisão de literatura acerca do tema com o objetivo de prover um levantamento de conceitos-chave no estudo acerca das identidades sexuais e comunidades discursivas, como gênero, orientação sexual e sexualidade. Enquanto indicação de teoria para análise discursiva, discorre-se, neste artigo, sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD), como abordagem ideal para tratar das questões inerentes a uma análise linguística sobre discurso e identidades sexuais, que envolve questões de discurso e de relações de poder, sendo este último aspecto central na ACD. Destacam-se as contribuições dos trabalhos de Judith Butler (1990), Deborah Cameron e Don Kulick (2003), Teun A. van Dijk (1993; 2005) e de Don Kulick (2000) como aporte teórico.

Palavras-chave: Discurso; identidade sexual gay; homossexualidade; orientação sexual.

Abstract: This article is part of a research about the existence and manifestation of gay as social sexual identity through discourse. In this study, a literature review concerning the theme is performed to provide a collection of key concepts for the study of sexual identities and speech communities, such as gender, sexual orientation and sexuality. As an indication of a theory for discourse analysis, this article addresses the Critical Discourse Analysis (CDA) as the ideal approach to tackle the issues inherent to a linguistic analysis on speech and sexual identities, which involve issues of discourse and of power relations, being this last aspect central to CDA. It is important to highlight the contributions provided by Judith Butler (1990), Deborah Cameron and Don Kulick (2003), Teun A. van Dijk (1993; 2005) and Don Kulick (2000) for the theoretical background.

Keywords: Discourse; gay sexual identity; homosexuality; sexual orientation.

*Graduando em Licenciatura em Letras Português/Inglês/Literaturas, vinculado ao Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PICV), com o projeto “É possível falar de uma nova identidade homossexual? Representações de gênero no discurso das redes sociais”, no período de abril de 2017 a fevereiro de 2018, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), orientado pela Professora Doutora Maria das Graças de Santana Salgado.

1. Introdução

A discussão sobre orientação sexual como identidade é um tema ainda pouco discutido nas pesquisas científicas no Brasil e, apesar de já ter sido bem explorado em pesquisas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, países de onde provém grande parte das fontes aqui expostas, esse tema ainda está em processo de construção. Este artigo parte de uma pesquisa mais ampla que entende a construção identitária gay como um fenômeno social e estuda sua manifestação através do uso da língua e da linguagem como discurso, cujo objetivo é apresentar uma revisão de literatura relacionada aos conceitos a serem adotados em trabalhos científicos sobre o tema.

Para realizar este debate, foi necessário buscar estudos e conceitos diversos, diretamente relacionados com a questão identitária da orientação sexual, tais como gênero, orientação sexual e sexualidade, entre outros. Como o presente artigo está inserido no campo dos estudos linguísticos, foi necessário também apresentar os conceitos de comunidade discursiva e comunidade de prática.

Nossa opção, ao realizar um estudo sobre identidade e orientação sexual, é compreender esses fenômenos a partir de sua face linguística, de modo que, para obter um melhor entendimento do assunto, é pertinente desenvolver um estudo envolvendo mais aspectos relativos ao tema, sobretudo, as contribuições dadas pela Psicanálise, pela Sociologia, pela Antropologia e pela própria Linguística, que podem prover um olhar mais abrangente. Portanto, aqui, faz-se necessário adotar uma perspectiva transdisciplinar, já que se entende que cada uma dessas áreas contribui para uma análise mais adequada do tema proposto.

Em *Language and Sexuality* (2003), os estudiosos Deborah Cameron e Don Kulick apontam de forma clara a transdisciplinaridade do tema:

[...] nossa discussão será informada seletivamente pelas contribuições de Freud, Lacan, Deleuze e Guattari e Foucault. De Freud, nós retiramos a ideia fundamental de que desejo sexual não é um fenômeno totalmente consciente e racional, mas é parcialmente constituído por processos psíquicos inconscientes (como repressão). De Lacan, nós retiramos a percepção de que desejo é inevitavelmente social e linguístico [...], transitivo [...] e relacional [...]. De Deleuze and Guattari, nós retiramos dois importantes argumentos os quais são parte de sua crítica à psicanálise. Um é o de que desejo não é sempre e necessariamente sexual [...]. Nós também seguimos Deleuze and Guattari em rejeitar a busca freudiana/lacanianiana pelas origens do desejo em alguma forma universal do desenvolvimento psicosexual humano [...]. Finalmente, nós retiramos de Foucault a insistência de que qualquer relacionamento [...] é um vetor de poder¹ (CAMERON; KULICK, 2003, pp. 111-113, tradução nossa).

¹ “[...] our discussion will be informed selectively by the contributions of Freud, Lacan, Deleuze and Guattari and Foucault. From Freud, we take the fundamental idea that sexual desire is not a wholly conscious and rational phenomenon, but is partly constituted by unconscious psychic processes (such as repression). From Lacan, we take the insight that desire is inescapably social and linguistic [...], transitive [...] and relational [...]. From Deleuze and Guattari, we take two important

Conforme se pode observar, a obra envolve conhecimentos filosóficos e psicanalíticos, além de incluir estudos linguísticos e sociológicos, os quais embasam os trabalhos dos autores, visto que Cameron é linguista e Kulick, sociólogo. Sem a articulação destas áreas, talvez não fosse viável para os autores chegar ao resultado abrangente e eficaz da obra.

É importante ressaltar que, apesar da perspectiva transdisciplinar adotada, o foco desta pesquisa é linguístico, já que se propõe a contribuir com o debate sobre a questão do ser gay, como identidade, com base na observação do uso compartilhado da língua, ou seja, da língua como discurso. Deve-se destacar, também, que o objetivo da discussão no sentido amplo é investigar se é possível sustentar a visão do gay como identidade enquanto componente de uma comunidade discursiva.

Os autores que formam a base teórica apresentada neste artigo são os linguistas Teun A. van Dijk (1993; 2005), Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet (2003), a filósofa Judith Butler (1990), com ênfase nos estudos do sociólogo Don Kulick junto à linguista Deborah Cameron (2003) e do próprio sociólogo Kulick (2000). As menções a contribuições de Michel Foucault e Sigmund Freud no livro *Language and Sexuality* (2003) viabilizaram observar como suas pesquisas se articulam com os estudos acerca de língua e de orientação sexual.

Este artigo, portanto, apresenta a seguinte organização: revisão dos conceitos de gênero, orientação sexual e sexualidade; conceitos linguísticos que permeiam a análise; gay como identidade; metodologia e dados; e considerações finais.

2. Gênero, orientação sexual e sexualidade

2.1 Gênero

Um dos motivos de primeiro se pensar em gênero nesta pesquisa se deve aos debates atuais que definem tal termo como identidade e papel social. O debate não é tão simples. Diferentes concepções atribuem sentidos diferentes ao que se entende por gênero. As reflexões de Judith Butler são as que melhor representam como se compreende gênero aqui. Em seu trabalho seminal intitulado *Gender Trouble* (1990), a filósofa estadunidense defende a noção de gênero a partir de uma perspectiva performativa. Gênero resultaria, para ela, de atos, sendo, assim, uma performance; e os atos que constituem a identidade de gênero são, ainda segundo a autora, sociais. Ou seja, a identidade de gênero não é um processo subjetivo; é, na realidade, produto de atos aprendidos socialmente e realizados em contextos sociais:

arguments which are part of their critique of psychoanalysis. One is that desire is not always and necessarily sexual [...]. We also follow Deleuze and Guattari in rejecting the Freudian/Lacanian search for the origins of desire in some universal account of human psychosexual development [...]. Finally, we take from Foucault the insistence that any relationship [...] is a vector of power.” (CAMERON; KULICK, 2003, pp. 111-113).

Em que sentido, então, gênero é um “ato”? Como em outros dramas sociais rituais, a ação de gênero requer uma performance que é *repetida* [sic]. Essa repetição é ao mesmo tempo uma reatuação e re-experimentação de um conjunto de significados já socialmente estabelecidos; e é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora haja corpos individuais que promulguem essas significações, tornando-se estilizados dentro de modos generificados, essa “ação” é uma ação pública² (BUTLER, 1990, p. 140, tradução nossa).

Segundo Butler (1990), a identidade de gênero não é interna e os atos atribuídos a ela não são uma mera expressão. Os atos constituem a identidade em si: “Se os atributos de gênero, contudo, não são expressivos, mas performativos, então esses atributos constituem efetivamente a identidade que eles são acusados de expressar”³ (BUTLER, *op. cit.*, p. 141, tradução nossa).

A relevância de Butler se dá por sua teoria atribuir ao gênero o aspecto performativo; desta forma, não se poderia afirmar a pré-existência de uma identidade inata, mas de uma performance aprendida. Apesar desta contribuição, as questões subjetivas e psicológicas poderiam ter sido mais bem exploradas. Como exposto no trecho acima, a identidade de gênero é formada através de convenções sociais. Ainda assim, é passível de discussão afirmar que o processo de identificação seja totalmente social. Por que não compreender o gênero como uma identidade percebida socialmente, mas que é internalizada – ou performada – por motivos tanto subjetivos quanto de socialização, e discutir a partir deste ponto a proporcionalidade do peso de cada um?

Esta questão não será abordada neste trabalho, mas é importante que se veja o quanto o debate sobre gênero acompanha o de identidade. Assim, gênero será tratado aqui como as identidades “homem” ou “mulher” que se associam a papéis sociais, diferentemente do sexo biológico.

Considerando os frequentes debates acerca de gênero e sua associação à identidade, no começo da pesquisa, pensou-se em falar da masculinidade gay em termos de gênero, quando, na verdade, deve-se expandir à ideia de identidade. A partir desta reflexão, a presente pesquisa passa a tratar a orientação sexual como outra forma de identidade, assunto a ser melhor explanado mais à frente.

2.2 Orientação sexual e sexualidade

Os dois termos que são tema deste item são confundidos por vezes. Mas ambos são distintos e, para realizar esta diferenciação, recorre-se a Deborah Cameron e Don Kulick (2003). A obra composta pelos dois autores representou um divisor de águas neste trabalho

² “In what senses, then, is gender an act? As in other ritual social dramas, the action of gender requires a performance that is *repeated*. This repetition is at once a reenactment and reexperiencing of a set of meanings already socially established; and it is the mundane and ritualized form of their legitimation. Although there are individual bodies that enact these significations by becoming stylized into gendered modes, this “action” is a public action” (BUTLER, 1990, p. 140).

³ “If gender attributes, however, are not expressive but performative, then these attributes effectively constitute the identity they are said to express or review” (BUTLER, *op. cit.*, p. 141).

e, por isso, servirá como referência para embasamento teórico de muito do que aqui for dito.

Orientação sexual é entendida, neste trabalho, como a manifestação de desejo sexual por um indivíduo de um sexo biológico específico (ou por ambos os sexos). Já a sexualidade é descrita como a manifestação do desejo erótico, independentemente da fonte do desejo, conforme dissertam Cameron e Kulick (2003):

Nossa primeira suposição é de que todos os humanos têm sexualidade – não apenas aqueles cujas preferências e práticas estão fora da norma (heterossexual, reprodutiva), nem mesmo apenas aqueles que de fato fazem sexo [...]. Isto implica, também, que o estudo da sexualidade não pode se limitar a questões de orientação sexual. Ao contrário, o estudo de sexualidade deveria se preocupar com o desejo em um sentido mais amplo; isso incluiria não apenas a quem uma pessoa deseja mas também o quê uma pessoa deseja (com uma outra pessoa ou não)⁴ (CAMERON; KULICK, 2003, p. 8, tradução nossa).

Nesse sentido, a orientação sexual é apenas um aspecto da sexualidade. Outros aspectos são retratados no trabalho dos autores, como atos de submissão/dominação e agressão/humilhação, e eles demonstram que “construir identidades sexuais é apenas uma das coisas que pessoas envolvidas nessas transações [verbais-sexuais] fazem com palavras – e nem sempre a coisa mais interessante”⁵ (CAMERON; KULICK, 2003, p. xii, tradução nossa).

Apesar do apelo dos autores para que os estudos de língua e sexualidade se destinem à sexualidade, e não às "identidades sexuais" – termo que usam como sinônimo para orientação sexual –, compreende-se que os problemas levantados pelos autores são pertinentes, mas não anulam a validade de estudos acerca de orientação sexual como identidade. Desta maneira, a preocupação aqui se relaciona com estudos linguísticos relacionados à identidade socialmente criada com base em orientação sexual, não em sexualidade.

3. Conceitos linguísticos que permeiam a pesquisa

Como a pesquisa se insere na área dos estudos linguísticos, serão apresentados alguns aspectos da corrente teórica intitulada Análise Crítica do Discurso, bem como os conceitos de comunidade discursiva e comunidade de prática.

3.1 Análise crítica do discurso (ACD)

⁴ “Our first assumption is that all humans have sexuality – not just those whose preferences and practices are outside the (heterosexual/reproductive) norm, not even just those who actually have sex [...]. This implies, also, that the study of sexuality cannot limit itself to questions of sexual orientation. Rather the study of sexuality should concern itself with desire in a broader sense; this would include not only whom one desires but also what one desires to do (whether or not with another person)” (CAMERON; KULICK, 2003, p. 8).

⁵ “constructing sexual identities is only one of the things people involved in these [verbal sexual] transactions do with words – and not always the most interesting thing.” (CAMERON; KULICK, 2003, p. xii).

Ao decidir utilizar a abordagem proposta pela Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), surgiu o questionamento “como justificar este estudo como crítico, nos moldes postos por van Dijk para a análise crítica do discurso?”. Ao definir sobre o que se trata a ACD, Dijk (2003) argumenta:

Análise crítica do discurso (ACD) é um tipo de pesquisa analítica do discurso que estuda primariamente o modo como o abuso de poder social, domínio e desigualdade são promulgados, reproduzidos e resistidos através de texto e fala no contexto social e político [...]⁶ (DIJK, 2005, p. 352, tradução nossa).

Mas em qual desses aspectos se encaixaria o estudo do discurso referente à identidade sexual gay? A resposta é: em todos. O senso comum é heteronormativo. Judith Butler expõe bem isso em *Gender Trouble* (1990), ao falar da lógica de gênero na matriz heterossexual. Qualquer discussão que não se volte para o que é aceito pela sociedade como o padrão, é crítico, já que se estuda e se questiona tanto o objeto da análise quanto o que se contrapõe a ele. A mera existência de um estudo voltado para o setor LGBTQ+ (termo que define a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e demais identidades sexuais e de gênero) em qualquer área do conhecimento, desta forma, já é crítico, visto que há a invisibilização do tema e o preconceito dirigido a ele.

Ademais, reconhece-se que o discurso voltado para a construção e exercício da identidade gay está inserido nessa lógica de poder, domínio e desigualdade, e por isso estes aspectos também são observáveis em um estudo específico sobre tal tema. Discutir os mecanismos linguísticos que constroem a identidade gay também leva a encarar como o discurso é utilizado na manutenção do domínio heteronormativo e o constante enfrentamento a isso.

Para além destes fatores, Dijk discorre sobre alguns princípios e questões com as quais a ACD se preocupa, no artigo *Principles of critical discourse analysis* (1993), cujo trecho a seguir, devido a sua pertinência para a pesquisa, se destaca: “[ACD] está primariamente interessada e motivada por questões sociais vigentes, as quais ela espera melhor compreender através da análise do discurso.”⁷ (DIJK, 1993, p. 252, tradução nossa).

A disposição em lidar com questões sociais através da análise crítica do discurso torna essa abordagem atraente; a temática LGBTQ+ está entre os principais temas abordados em vários veículos e espaços, devido à perseguição e constante negação da sociedade ao movimento LGBTQ+. Uma análise crítica do discurso se faz, desta maneira, essencial para que se possa estabelecer e analisar o discurso que ajuda a constituir a identidade gay e seus elementos, assim como explorar questões de empoderamento e domínio no discurso gay e no discurso heteronormativo.

⁶ “Critical discourse analysis (CDA) is a type of discourse analytical research that primarily studies the way social power abuse, dominance and inequality are enacted, reproduced and resisted by text and talk in the social and political context [...]” (DIJK, 2005, p. 352).

⁷ “It [ACD] is primarily interested and motivated by pressing social issues, which it hopes to better understand through discourse analysis” (DIJK, 1993, p. 252).

Por fim, a amplitude da Análise Crítica do Discurso, também retratada por Dijk (1993), faz com que este método de pesquisa seja o mais indicado, pois permite trabalhar com diversos aspectos linguísticos, entre eles atos de fala, contexto, coerência, estilo – o que envolve sintaxe, léxicos e fonologia –, retórica, questões de poder e outros mencionados em *Principles of critical discourse analysis*.

3.2 Comunidade discursiva e comunidade de prática

As autoras Penelope Eckert e Sally McConnel-Ginet procuram definir em sua obra *Language and Gender* (2003) os conceitos de comunidade discursiva e comunidade de prática. Sobre comunidade discursiva (*speech community*), afirmam as linguistas:

[...] Dell Hymes (1972, p. 54) definiu a comunidade discursiva como “uma comunidade compartilhando regras para a conduta e interpretação do discurso, e regras para a interpretação de ao menos uma variedade linguística”. Essa perspectiva enfatiza que o conhecimento de uma língua ou línguas, o que Hymes chama de variedade linguística, está embutido no conhecimento de como se engajar em práticas comunicativas – os dois são aprendidos juntos e enquanto eles são separáveis na mão do analista, eles são inseparáveis na prática⁸ (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2003, p. 56, tradução nossa).

e sobre comunidade de prática:

[...] É no nível da comunidade de prática que maneiras de falar são o mais proximamente coordenadas. É claro, comunidades de prática não inventam suas maneiras de falar do nada, mas orientam as práticas de comunidades discursivas mais amplas e difusas, refinando as práticas daquelas comunidades discursivas para seus próprios propósitos⁹ (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2003, p. 5, tradução nossa).

Dada a semelhança de aspectos nas duas explicações, não ficou clara a distinção entre os dois conceitos; ambos se referem a práticas linguísticas e grupos delineados. Porém, dada a maior abrangência e flexibilidade do conceito de comunidade discursiva percebida nas definições, este será o termo adotado para se referir ao grupo delimitado de pessoas que se pretende identificar através da pesquisa, que utilizam a língua e linguagens de maneiras específicas para a construção da identidade gay.

⁸ “[...] Dell Hymes (1972, p. 54) has defined the speech community as “a community sharing rules for the conduct and interpretation of speech, and rules for the interpretation of at least one linguistic variety.” This perspective emphasizes that knowledge of a language or languages, what Hymes calls a linguistic variety, is embedded in knowledge of how to engage in communicative practice – the two are learned together and while they are separable at the hand of the analyst, they are inseparable in practice” (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2003, p. 56).

⁹ “[...] It is at the level of the community of practice that ways of speaking are the most closely coordinated. Of course, communities of practice do not invent their ways of speaking out of whole cloth, but orient to the practices of larger and more diffuse speech communities, refining the practices of those speech communities to their own purposes” (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2003, p. 5).

4. Gay como identidade

Apesar de a palavra gay referir-se a pessoas homossexuais – homens, mais comumente –, o vocábulo vem ganhando um novo significado. Um significado mais próximo de identidade.

Considera-se orientação sexual a preferência definida pelo desejo erótico de um indivíduo por um sexo (ou por ambos). Quando se fala no léxico "gay", pensa-se em uma identidade socialmente construída com base em uma orientação sexual – neste caso, homossexualidade. Mas daí não cabe dizer que todo homossexual exerce um papel social "gay". Alguns não assumem a identidade, e continuam em uma lógica heteronormativa, exercendo o papel social tradicional – segundo o senso comum – do gênero homem na matriz heterossexual. Nota-se que o gênero e a orientação sexual – como identidade e como preferência erótica em si – são elementos que se entrelaçam e se influenciam.

No trecho de *Language and Sexuality* (2003), Cameron e Kulick explicitam que

Sexualidade entrou no uso comum como um termo abreviador para ser ou 'homossexual' ou 'heterossexual' – isto é, ela denota uma preferência sexual estável por pessoas do mesmo / do outro sexo, e as identidades sociais que são baseadas em ter tais preferências (e.g. 'lésbica', 'gay')¹⁰ (CAMERON; KULICK, 2003, p. 4, tradução nossa).

No destaque feito acima, os autores buscaram criticar o uso que o termo "sexualidade" ganhou, classificando-o como "estreito", "limitado". Porém, dentro da crítica, a linguista e o sociólogo tratam do que foi dito anteriormente: falam de homossexualidade e heterossexualidade como preferências eróticas e de gay e lésbica como identidades sociais baseadas nessas preferências.

Se, por um lado, há aqueles que se utilizam da língua para reforçar uma concepção heteronormativa de gênero mesmo para homossexuais, por outro, há aqueles que a usam para desafiar essa lógica e construir e exercer uma identidade gay. Neste sentido, é necessário discutir a existência de um linguajar gay utilizado para o exercício dessa identidade, que viria a constituir uma comunidade discursiva gay.

Alguns questionamentos são levantados por Don Kulick (2000) aos estudos referentes ao que ele chama de *gayspeak*. O sociólogo levanta as seguintes questões: a língua dita gay também é usada por pessoas não-gays; e não há uma unidade entre as pessoas gays na forma como utilizam a língua, então, não há como existir uma língua inerentemente gay.

Segundo Cameron e Kulick (2003), "*gayspeak*" se refere à língua utilizada por homossexuais. Conforme eles discorrem sobre o histórico do estudo de língua e sexualidade, afirmam que "assim a História do estudo da língua e sexualidade tem sido

¹⁰ "Sexuality has entered common usage as a shorthand term for being either 'homosexual' or 'heterosexual' – that is, it denotes a stable erotic preference for people of the same / the other sex, and the social identities which are based on having such a preference (e.g. 'lesbian', 'gay')" (CAMERON; KULICK, 2003, p. 4).

pontuado por tentativas de delinear o que tem sido variavelmente chamado de ‘a língua da homossexualidade’, ‘gayspeak’ e ‘queerspeak’”¹¹ (CAMERON; KULICK, 2003, pp. xiii-xiv, tradução nossa).

Com relação às suas críticas, Kulick retrata, no seu artigo *Gay and Lesbian Language* (2000), alguns dos problemas das pesquisas já realizadas sobre o tema:

Toda essa pesquisa expandiu grandemente nosso conhecimento sobre como relações e identidade homossexuais são rotuladas, como alguns gays “assumidos” e lésbicas falam sobre eles mesmos e outros, e como gênero semântico e gramatical pode ser criativamente utilizado por falantes para se referir a si ou a outros. Contudo, ela falhou em trazer à tona qualquer aspecto estrutural, morfológico, ou fonológico que sejam únicos a homens gays e lésbicas. Certas palavras, fraseamentos, tópicos, e construções morfológicas/sintáticas [...] podem muito bem ser mais comuns no discurso de alguns homens gays e lésbicas do que eles são na fala dos falantes que não são gays ou lésbicas. Mas o problema é que nem todas as pessoas que se engajam em práticas sexuais com o mesmo sexo, ou que se autoidentificam como gay ou lésbica, usam essas palavras, ou mesmo as conhecem. E pessoas que não se engajam em práticas sexuais com o mesmo sexo, ou que não se autoidentificam como “gay” ou “lésbica” [...] podem dominar o código¹² (KULICK, 2000, p. 257, tradução nossa).

A partir dessas críticas, algumas reflexões foram feitas:

- Não se afirma, aqui, que exista uma identidade homossexual, e sim que podem haver várias. Questões como a heteronormatividade também permeiam a homossexualidade, de modo que podem produzir diversas identidades homossexuais, tanto heteronormativas, como outras consideradas subversivas frente ao socialmente aceito.
- Mesmo que não haja uma língua exclusivamente gay ou inata a homossexuais, apenas o fato de que há maneiras como uma língua é usada para construir uma identidade já justifica um estudo sobre o tema. Kulick (2000, p. 247, tradução nossa) diz em seu artigo que “[...] dizer que alguns homens gays e lésbicas autoidentificados podem usar algumas vezes língua de certas maneiras em certos contextos não é o mesmo que dizer que há uma língua gay ou lésbica”¹³. Assim, não se afirma aqui que

¹¹ “Thus the history of the study of language and sexuality has been punctuated by attempts to delineate what has variously been called ‘the language of homosexuality’, ‘gayspeak’ and ‘queerspeak’” (CAMERON; KULICK, 2003, p. xiii-xiv).

¹² “All this research has greatly expanded our knowledge about how homosexual relations and identities are labeled, how some “out” gays and lesbians talk about themselves and others, and how grammatical and semantic gender can be creatively utilized by speakers to refer to self and other. However, it has failed to come up with any structural, morphological, or phonological features that are unique to gay men and lesbians. Certain words, phrasings, topics, and morphological/syntactic constructions [...] may well be more common in the speech of some gay men and lesbians than they are in the talk of speakers who are not gay or lesbian. But the problem is that not all people who engage in same-sex sexual practices, or self-identify as gay or lesbian, use those words, or even know them. And people who do not engage in same-sex sexual practices, or self-identify as gay or lesbian [...] may master the code” (KULICK, 2000, p. 257).

¹³ “[...] to say that some self-identified gay men and lesbians may sometimes use language in certain ways in certain contexts is not the same thing as saying that there is a gay or lesbian language” (KULICK, 2000, p. 247).

exista uma língua gay, mas sim modos de usar a língua para construir uma identidade.

- Por mais que as maneiras como os que se identificam como gay possam ser conhecidas e utilizadas por pessoas não-gays, essas maneiras podem ainda assim constituir uma identidade gay, tendo sentido especial e utilidade específica quando utilizadas por esta suposta comunidade discursiva.
- Quando se fala, aqui, em identidade, reconhece-se que um mesmo indivíduo possa exercer identidades diferentes, mas que uma possa se sobressair às outras em situações específicas. A exemplo disso, há um caso citado no livro *Language and Sexuality* (2003):

Um caso específico deste tipo é discutido em um artigo recente por Podesva, Roberts e Campbell-Kibler (2002). Em uma análise fonética próxima do discurso de um ativista gay e advogado falando em um programa de discussão de rádio sobre discriminação antigay, os pesquisadores argumentam que este falante está performando uma versão particular de identidade gay que eles apelidam 'não-extravagante'. Ele produz alguns aspectos fonéticos que oferecem pistas para sua identidade gay, mas consistentemente evita os aspectos mais estereotípicos da construção ideológica 'discurso gay'. Podesva *et al.* sugere que isso pode ser explicado em termos das particularidades do contexto: enquanto a identidade gay do falante é claramente relevante (ele certamente não está tentando escondê-la), sua identidade profissional como alguém que conhece sobre a lei não é menos relevante. Ele precisa, portanto, encontrar um modo de falar que projete uma identidade competente e séria de gay advogado ao invés de indexar significado social estereotípico que muitos *outsiders* associam com 'discurso gay', como extravagância, frivolidade e promiscuidade sexual¹⁴ (CAMERON; KULICK, 2003, pp. 136-137, tradução nossa).

Para além dessas questões, outros autores também contribuíram para a concepção de identidade adotada aqui. A noção foucaultiana de que toda relação é uma relação de poder e a ideia freudiana de que há processos inconscientes na formação da subjetividade também são consideradas quando se pensa em por que um indivíduo adquire ou exerce certas identidades e como elas são exercidas. Contudo, essas questões serão mais bem exploradas futuramente.

¹⁴ “A specific case of this kind is discussed in a recent article by Podesva, Roberts and Campbell-Kibler (2002). In a close phonetic analysis of the speech of a gay activist and lawyer speaking on a radio discussion programme about anti-gay discrimination, the researchers argue that this speaker is performing a particular version of gay identity they dub 'non-flamboyant'. He produces some phonetic features that offer clues to his gay identity, but consistently avoids the more stereotypical features of the ideological construct 'gay speech'. Podesva *et al.* Suggest that this can be explained in terms of the particularities of the context: while the speaker's gay identity is clearly relevant (he is certainly not trying to conceal it), his professional identity as someone knowledgeable about the law is no less so. He needs, therefore, to find a way of speaking that projects a competent and serious, lawyerly' gay identity rather than indexing the stereotypical social meaning many outsiders associate with 'gay speech', such as flamboyance, frivolity and sexual promiscuity” (CAMERON; KULICK, 2003, pp. 136-137).

5. Encaminhamentos da pesquisa

As críticas levantadas por Eckert e McConnel-Ginet em *Language and Gender* (2003) acerca de pesquisas sobre gênero apontam para reflexões imprescindíveis para estudos sobre identidades e comunidades discursivas. Se por um lado é necessário realizar estudos que identificarão grupos e aspectos compartilhados de uso do discurso para demonstrar a existência de uma comunidade discursiva e de uma identidade social, alguns cuidados devem ser pensados para evitar estudos e conclusões universais sobre questões que podem ter, na realidade, recortes mais específicos. Conforme o trecho a seguir:

Ignorar a multiplicidade de masculinidades e feminilidades leva ao apagamento da experiência para muitas pessoas. Por exemplo, em um estudo sobre garotas frequentando a escola privada Emma Willard School no oriente dos EUA, a psicóloga Carol Gilligan e suas colegas (e.g. Gilligan, Lyons, and Hanmer 1990) concluíram que, conforme elas se aproximavam da adolescência, as garotas se tornam menos seguras de si mesmas, menos assertivas, mais deferentes, e geralmente perdiam o senso de agência que elas haviam possuído quando crianças. Essa crise de confiança de garotas se tornou uma construção de gênero famosa – um tipo de imperativo do desenvolvimento para garotas. Estatísticas mostram que de fato esse tipo de crise é comum entre garotas brancas de classe-média, como as que frequentam a escola na qual Gilligan et al. focou. Mas este é um segmento relativamente pequeno da população. As poucas estatísticas que existem sobre garotas afro-americanas durante esta mesma fase da vida sugerem que elas não perpassam tal crise; ao contrário, elas parecem ganhar um senso de confiança pessoal (AAUW, 1992, p. 13). Nós argumentaríamos que essa diferença é um resultado de diferenças entre discursos de gênero euro-americano e afro-americano, e particularmente discursos de heterossexualidade. Garotas euro-americanas – ao menos as de classe média – são geralmente criadas em um discurso de subordinação feminina e dependência material de homens, particularmente na criação de crianças. Garotas afro-americanas, por outro lado, são geralmente criadas em um discurso de eficiência feminina, com uma expectativa de que elas tomaram total responsabilidade elas tomaram total responsabilidade por si mesmas e por suas crianças (Dill 1979, Ladner 1971, Staples 1973) [...] ¹⁵ (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2003, pp. 48-49, tradução nossa).

¹⁵ “Ignoring the multiplicity of masculinities and femininities leads to the erasure of experience for many people. For example, in a study of girls attending the private Emma Willard School in the eastern US, psychologist Carol Gilligan and her colleagues (e.g. Gilligan, Lyons, and Hanmer 1990) found that as they approached adolescence, girls become less sure of themselves, less assertive, more deferential, and generally lost the sense of agency that they had had as children. This girls’ crisis of confidence has become a famous gender construct -- a kind of developmental imperative for girls. Statistics show that indeed this kind of crisis is common among white middle-class girls, like the ones who attend the school Gilligan et al. focused on. But this is a relatively small segment of the population. What few statistics there are on African American girls during this same life stage suggest that they do not undergo such a crisis; on the contrary, they appear to gain a sense of personal confidence (AAUW 1992, p. 13). We would argue that this difference is a result of differences in European American and African American gender discourses, and particularly discourses of heterosexuality. European American girls -- at least middle-class ones -- are generally raised in a discourse of female subordination and material dependence on men, particularly in child-rearing. African American girls, on the other hand, are generally raised in a discourse of female effectiveness, with an expectation that they will take full responsibility for themselves and for their children (Dill 1979, Ladner 1971, Staples 1973) [...]” (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2003, pp. 48-49)

Observa-se, no trecho acima, a preocupação das autoras em apontar um estudo cujos resultados produzidos contribuíssem com a construção de estereótipos de gênero, que, apesar de advirem de estudos que demonstram sua existência, não se referem a todo o grupo de mulheres adolescentes, mas a um grupo específico, de uma sociedade específica. Qualquer análise de dados que trate sobre o tema ao qual se destina o artigo deve ter os devidos cuidados e recortes, para que não se afirmem resultados universais que não façam parte da realidade de todos os grupos sociais, contribuindo de maneira equivocada para a construção de mais estereótipos.

Tendo em vista os destaques acima e a revisão de conceitos, aponta-se para possíveis estudos sobre o tema. Questões de empoderamento por homens gays e de domínio sobre eles mesmos são aspectos passíveis de exploração na Análise do Discurso. Para tal, surge o intento, a partir desta construção de aporte teórico, de analisar o discurso produzido em ficções amadoras com temática LGBT que envolvam personagens gays, com a finalidade de analisar as questões propostas.

Ainda, conforme intenção inicial deste projeto de pesquisa, uma pesquisa ampla sobre os diferentes discursos que compõe identidades sexuais e de gênero para delimitação das comunidades discursivas existentes também é um tema cuja exploração poderia trazer grandes contribuições ao debate.

6. Considerações finais

Este artigo buscou mostrar conceitos e contribuições de autores relevantes para o debate sobre o tema gay como identidade sexual. Noções como as de discurso, comunidade discursiva, identidade sexual, sexualidade e gênero se complementam e, por isso, são fundamentais para o exercício de uma análise linguística do fenômeno. Ainda foi possível observar como o diálogo entre diversas áreas do saber – Filosofia, Linguística e Antropologia – faz-se imprescindível para a exploração do tema.

Assim, espera-se que a relevância dos conceitos abordados para a análise do tema na perspectiva discursiva possa contribuir com o desenvolvimento de pesquisas afins.

Referências

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: ed. Routledge, Chapman & Hall, 1990.

CAMERON, Deborah; KULICK, Don. *Language and Sexuality*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2003.

DIJK, Teun A. van. Critical Discourse Analysis. In: HAMILTON, Heidi E.; TANNEN, Deborah; SCHIFFRIN, Deborah. (Ed.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell Publishers Ltd, 2005.

DIJK, Teun A. van. Principles of critical discourse analysis. *Discourse & Society*, v. 4, pp. 249-283, London, Newbury Park e New Delhi, abril, 1993.

ECKERT, Penelope; McCONNEL-GINET, Sally. *Language and Gender*. [S. L.]: Cambridge University Press, 2003.

KULICK, Don. Gay and Lesbian Language. *Annual Review of Anthropology*, v. 9, pp. 243-285, [S. I.], Outubro, 2000.